

“Pensando como um menino é mais fácil”: construções sobre as relações de gênero no discurso de meninas adolescentes*

“Thinking like a boy is easier”: constructions of gender relations in the speech of female adolescents

Rosana Juliet Silva Monteiro¹, Daniela Tavares Gontijo²,
Vera Lúcia Dutra Facundes³, Anna Carolina Sena e Vasconcelos¹

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i2p207-215>

Monteiro RJS, Gontijo DT, Facundes VLD, Sena e Vasconcelos AC. “Pensando como um menino é mais fácil”: construções sobre as relações de gênero no discurso de meninas adolescentes. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*. 2015 maio-ago.;26(2):207-15.

RESUMO: As relações de gênero socialmente construídas influenciam na adoção de comportamentos e atitudes relacionados à sexualidade, com possível impacto no desempenho ocupacional das mulheres. Os objetivos consistem em descrever e analisar as construções sobre as relações de gênero no discurso de meninas adolescentes e os possíveis impactos dessas no desempenho ocupacional. Quanto à metodologia, trata-se de estudo exploratório e descritivo conduzido com 34 adolescentes mulheres em uma escola pública. Os dados coletados por gravação de intervenções de promoção de saúde sexual e reprodutiva e anotações em diário de campo foram submetidos a análise de conteúdo temática. Sobre os resultados e a discussão, identificou-se quatro categorias temáticas: infância e gênero; relações de gênero no cotidiano; relações de gênero e sexualidade e relações de gênero e gravidez na adolescência. Observou-se a coexistência de concepções tradicionais demarcadas pela opressão e submissão das mulheres em relação aos homens, com perspectivas mais problematizadoras das relações de gênero que possibilitam maior empoderamento da mulher no cotidiano. Concluiu-se que os dados apontam a importância da criação de ações e pesquisas pelos terapeutas ocupacionais que se direcionem para as possíveis relações entre sexo, gênero, sexualidade e desempenho ocupacional.

DESCRITORES: Terapia Ocupacional; Adolescente; Identidade de gênero; Sexualidade; Mulheres/psicologia.

Monteiro RJS, Gontijo DT, Facundes VLD, Sena e Vasconcelos AC. “Thinking like a boy is easier”: constructions of gender relations in the speech of female adolescents. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*. 2015 May-Aug.;26(2):207-15.

ABSTRACT: Socially constructed gender relations affect the adoption of behaviors related to sexuality, and may have impact on women occupational performance. The objective of this study was to describe and analyze constructions of gender relations in the female adolescents discourse and the possible impacts of them on occupational performance. *Methodology:* exploratory and descriptive study conducted with 34 female adolescents from a public school. The data collected through the recording of interventions to promote sexual and reproductive health and notes taken in a field diary that were subjected to thematic content analysis. *Results and Discussion:* we identified four thematic categories: childhood and gender; gender relations in everyday life; gender relations and sexuality and gender relations and teenage pregnancy. It was observed the traditional conceptions marked by oppression and subordination of women in relation to men, more problem-solving perspectives of gender relations that enable greater empowerment of women in everyday life. *Conclusion:* these data demonstrate the importance of actions and research conducted by occupational therapists focused on possible relationship between sex, gender, sexuality and occupational performance.

KEYWORDS: Occupational therapy; Adolescent; Gender identity; Sexuality; Women/psychology.

* Trabalho de conclusão de curso vinculado ao projeto de pesquisa “Análise da utilização de recursos lúdicos na promoção de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes”.

1. Terapeuta ocupacional pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mails: juliet.monteiro@hotmail.com, annasena90@gmail.com.
2. Doutora em Ciências da Saúde. Professora Adjunta do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: danielatgontijo@gmail.com.
3. Doutora em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento. Professora Adjunta do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: verafacundes@yahoo.com.br.

Endereço para correspondência: Daniela Tavares Gontijo. Departamento de Terapia Ocupacional, UFPE. Av. Prof. Moraes Rego, 1235, Cidade Universitária, Recife, PE. CEP: 50670-901. E-mail: danielatgontijo@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) mensura a adolescência como o período que vai dos 12 aos 18 anos incompletos¹. A Organização Mundial de Saúde (OMS) circunscreve a adolescência à segunda década da vida (de 10 a 19 anos)²⁻³. No entanto as peculiaridades do ser adolescente podem variar de acordo com aspectos econômicos e culturais da sociedade e tais barreiras temporais não estão dadas de modo homogêneo e fixo⁴.

Este período abarca o processo no qual a identidade, a sexualidade, os amigos, os valores, a experimentação e vivência de novos papéis são importantes, pois, a partir disso, o (a) adolescente constrói as relações com seu mundo e procura definir-se por meio de suas atividades, anseios, relações afetivas e sexuais⁵⁻⁶.

A sexualidade caracteriza-se como uma dimensão fundamental em todas as etapas da vida, envolvendo práticas e desejos relacionados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos, ao exercício da liberdade e à saúde². Porém no contexto social sua vivência é permeada por tabus, mitos, preconceitos, interdições e relações de poder que a cercam vinculadas às representações de gênero⁶⁻⁷.

Gênero é o processo pelo qual as distinções sexuais dos corpos de homens e mulheres são trazidas para dentro das práticas sociais, de maneira a assumirem significados culturais. É compreendido como uma construção social baseada na diferença percebida entre os sexos feminino e masculino, edificando-se de acordo com valores que remontam às vivências na vida cotidiana^{3,5}.

Por meio desses valores e normas, os sujeitos adotam comportamentos e atitudes que entendem ser mais condizentes com o esperado socialmente acerca do que venha a ser um homem ou uma mulher, construindo assim as diferenças e hierarquias sexuais⁵.

O homem e a mulher não estão condicionados pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas a uma edificação social historicamente confirmada e desenvolvida a partir da perspectiva masculina. Considerando esse aspecto, observa-se comumente que as mulheres trazem uma visão colonizada de si mesmas, a partir do olhar masculino, caracterizando relações designadas pela desigualdade e opressão^{3,8}.

Segundo a construção social de gênero hegemônica em nossa sociedade, o masculino representa a superioridade e o poder, gerando a necessidade de comprovar a sua virilidade³. Por outro lado, o feminino é associado à fragilidade e à dependência. Desde pequenas, as mulheres não aprendem a conhecer seu próprio corpo, não se tocam,

não sentem prazer⁵. Além disso, na maioria das vezes a reprodução é um assunto considerado exclusivamente feminino, em decorrência da natureza da mulher, e o campo da sexualidade seria essencialmente masculino, em decorrência da natureza do homem^{3,8}.

Essas relações de gênero ainda vigorantes têm considerável predomínio sobre a vivência da sexualidade e podem se converter em dilemas significativos para as adolescentes, repercutindo diretamente na compreensão e construção de sua sexualidade de forma autônoma e responsável⁹.

Compreende-se que a sexualidade caracteriza-se como um processo contínuo de aprendizagem e descobertas, precisando ser compreendida no processo da Terapia Ocupacional e apropriada de forma positiva no desempenho ocupacional dos e das adolescentes^{6,10}.

O desempenho ocupacional refere-se às habilidades para adotar e manter uma rotina diária, desempenhar papéis sociais/ocupacionais e tarefas que têm como objetivo a automanutenção, a produtividade e o lazer, executadas de modo satisfatório e apropriado para o estágio de desenvolvimento, cultura e ambiente do indivíduo¹¹.

Mesmo com a identificação da sexualidade como um aspecto importante, esta ainda é abordada de forma restrita pela Terapia Ocupacional, sendo muitas vezes associada às experiências da sexualidade para pessoas com deficiências e à análise do desconforto e despreparo do profissional ao abordar a temática⁷.

Considerando que a vivência da sexualidade está diretamente relacionada às percepções sobre as relações de gênero, neste trabalho objetiva-se descrever e analisar as construções sobre as relações de gênero no discurso de meninas adolescentes.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo é parte integrante do projeto de pesquisa "Análise da utilização de recursos lúdicos na promoção de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes", desenvolvido concomitantemente a um Projeto de Extensão.

As intervenções, das quais se faz a coleta dos dados, foram realizadas semanalmente, com grupos de adolescentes em uma escola pública. As temáticas de cada encontro foram definidas a partir de materiais educativos do Ministério da Saúde e Educação, assim como na experiência de Bechara e Gontijo⁶.

Cada grupo participou de dez encontros com duração de aproximadamente uma hora, com temas que abordavam: mudanças no corpo, sexualidade, relações de gênero e sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez

na adolescência e vivência da sexualidade segura. Além disso, foi realizado um grupo focal para avaliação do projeto.

Durante as intervenções foram utilizados recursos lúdicos, elaborados pela equipe do projeto que mediou o processo de construção do conhecimento sobre os temas em discussão.

Neste artigo, fez-se uso dos dados provenientes da participação de 34 adolescentes do sexo feminino, que compuseram três grupos, com idades entre 12 a 15 anos. Para participar da pesquisa, as adolescentes tinham de estar cursando o 8º ou 9º ano do ensino fundamental e ter frequência mínima de 75% nos encontros.

Os dados foram coletados após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFPE (24495) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelas adolescentes e seus responsáveis legais. Foram garantidos o sigilo e o anonimato da adolescente, por meio da utilização de códigos (letra P de participante e G de grupo, seguidas de um número de identificação).

A coleta dos dados ocorreu pela gravação em equipamento digital das intervenções e registro em diário de campo. O conteúdo das transcrições e as anotações foram submetidos a análise temática de conteúdo numa perspectiva qualitativa¹³. As categorias temáticas articulam os objetivos do estudo, os dados empíricos e a revisão da literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos nas intervenções trouxe à tona que, embora as discussões tenham sido direcionadas para a vivência da sexualidade (tema da intervenção cenário deste estudo), as construções sobre as relações de gênero têm impacto em outras dimensões do desempenho ocupacional. Nesse sentido, foram identificadas quatro categorias temáticas: infância e gênero; relações de gênero no cotidiano; relações de gênero e sexualidade; e relações de gênero e gravidez na adolescência.

Infância e gênero

Para as adolescentes, desde o nascimento da criança há uma influente determinação social do que é ser menino ou menina, que se manifesta na utilização de cores de roupas e adereços de bebê, sendo a cor rosa usada para a identificação feminina e a cor azul, para a masculina.

"Se colocar cor de roupa azul na menina sem nenhum detalhe, ficam logo perguntando se é um menino" (P4-G1- 21/08/2012).

No entanto algumas participantes questionam essa associação, significada como um "tabu", apontando que, quando forem mães, vestirão seus(suas) filhos(as) de qualquer cor.

"Tem um tabu que eu acho horrível [...]: é menino azul e menina rosa" (P6- G1-21/08/2012).

As representações relacionadas a gênero também influenciam o brincar das crianças, pois o menino deve brincar de carrinho por ser considerada uma brincadeira inerente e restrita ao sexo do homem, enquanto a menina deve brincar de boneca.

"vai ser sempre assim, menina tem que brincar de boneca e o menino de carrinho e nenhum dos dois podem brincar juntos" (P2- G1- 21/ 08/2012).

As adolescentes enfatizam ainda que se o menino brincar de boneca, este pode ter tendência ou propensão à homossexualidade ou ser influenciado nesse sentido, sendo a mesma concepção atribuída à menina que brinca com carrinho.

"O menino brincava de boneca desde pequeno [] vai ser homossexual quando crescer". (P22- G3- 16/ 10/2012)

Entretanto outras meninas contestam essa opinião, atribuindo à "sociedade" essas rotulações e refletindo que o brincar se caracteriza como uma ocupação importante para a criança e que as escolhas dos brinquedos e das brincadeiras não têm influência sobre a vivência da sexualidade no futuro.

"A sociedade é que fica julgando, dizendo que o menino é gay [...] eu acho que não!!! Acho que brincar de boneca não vai mudar a personalidade nem o caráter do menino..." (P18- G3- 16/ 10/ 2012)

As concepções explicitadas apontam que as questões referentes a gênero são influentes desde que se conhece o sexo da criança, determinando um conjunto de expectativas que irão moldar a forma como o indivíduo irá viver, impactando no desempenho ocupacional desde a infância.

Em relação a esse aspecto, Andreoli⁷ reflete que o gênero não exprime o que somos, mas a estilização repetida, no corpo, de um conjunto de comportamentos, segundo normas sociais e culturais. Essa estilização se manifesta na esfera lúdica, contexto no qual as crianças passam a tomar

consciência de suas influências no mundo e a (re)significar o lugar social que ocupam, especialmente no que se refere aos ditos "papéis" femininos e masculinos¹³⁻¹⁴.

Na brincadeira, atividade que permite relações interindividuais, portanto de cultura, as crianças se constroem como "pequenos homens" e "pequenas mulheres" e vivenciam as significações simbólicas que estão imersas de impregnação cultural¹³. As concepções explicitadas pelas adolescentes apontam não só os elementos divisores e diferenciadores entre grupo de meninas e meninos, mas também reforçam os antagonismos de gênero, permitindo o desenvolvimento e a perpetuação de comportamentos específicos de homem e de mulher^{7,13}.

No entanto o próprio questionamento desses "valores" por parte de algumas adolescentes explicita o caráter de construção social dessas relações e a possibilidade de problematização destas nos diferentes cenários de vida. Essa possibilidade aponta para o potencial de intervenções da Terapia Ocupacional que, a partir de metodologias participativas, permitam que as adolescentes reflitam sobre a (des)naturalização das relações díspares de gênero socialmente construídas e sobre suas consequências desde a infância¹⁵.

Essa problematização e a criação de estratégias de enfrentamento e mudança são importantes, uma vez que as construções naturalizadas podem resultar em restrições na experimentação de novas experiências, aprendizados e atividades com potencial de contribuir para o desenvolvimento, interferindo diretamente no desempenho ocupacional.

Relações de gênero no cotidiano

Essa categoria relata a compreensão de como as relações de gênero influenciam o cotidiano das adolescentes, incluindo a organização do lar, o comportamento, participação social e a inserção no mundo do trabalho.

No que se refere à organização do lar, as meninas atribuíram a responsabilidade do cuidar da casa como um papel ocupacional restrito à mulher, justificando tal concepção quando mencionam que ela tem mais "jeito" e que é sua obrigação. Por outro lado, ao homem cabe o sustento financeiro da casa.

"Serviço mais de mulher, ela leva mais jeito pra fazer isso." (P2- G1- 21/ 08/ 2012).

"O homem é que tem que colocar dinheiro em casa, a mulher tem que ficar em casa fazendo os trabalhos." (P6- G1- 21/ 08/ 2012).

As participantes argumentam que os homens que não participam das tarefas domésticas encontram justificativa na necessidade de ratificação de sua masculinidade, uma vez que se o homem ajuda no controle domiciliar é "identificado" como homossexual, e isso é significado de forma negativa pelos mesmos.

"[...] é difícil fazer alguma coisa, eles começam a dizer logo 'ah, isso é coisa de mulher, eu num sou gay' ". (P6- G1- 21/ 08/ 2012).

Em relação ao comportamento e participação social, as meninas referiram que os homens têm mais "direito" de frequentar bares, ficar com outras mulheres, sendo permitido tudo o que quiserem fazer pelo fato de serem homens, em contraposição às mulheres.

"É porque homem tem a diferença de mulher, ele pode fazer o que quiser" (P2- G1- 21/ 08/ 2012).

No entanto as adolescentes percebem mudanças nesse cenário, apontando que a mulher vem conquistando o mercado de trabalho e se tornando cada vez mais autônoma e independente, o que implica a ampliação da participação social e no estabelecimento de relações mais igualitárias.

"Antigamente as mulheres não podiam trabalhar, só o homem. Hoje em dia não, mulheres trabalham." (P2- G1- 21/ 08/2012).

"Hoje a mulher tem mais autonomia". (P6- G1- 21/ 08/ 2012).

No que se refere à inserção no mundo do trabalho, a maioria das adolescentes alude que há profissões consideradas femininas e outras, masculinas, sendo que os homens exercem profissões como bombeiro, policial, motorista, e a mulher, profissões mais associadas ao cuidado, como enfermeira. O fato de um homem exercer a profissão de cabeleireiro é associado diretamente a sua sexualidade e à assunção de comportamentos homoafetivos.

"Se homem for cabeleireiro é porque é homossexual! Agora se mulher for cabeleireira não tem problema nenhum". (P6- G1- 21/ 08/2012).

Em contrapartida, outras meninas referem que não é obrigatória essa associação e que o fato de exercer uma

profissão não tem uma relação direta com a identidade sexual, mas com talento e vocação.

"É, tem esse negócio que a maioria das pessoas diz que todo homem que é cabeleireiro é gay. Nem sempre!". (P2- G1- 21/ 08/2012).

Assim como na infância, para a maioria das participantes, ser homem ou mulher já traz em si quais as possibilidades no desempenho de atividades cotidianas, principalmente no que se refere ao cuidado doméstico, participação social e trabalho.

Compreende-se que as relações de gênero constituem-se como uma forma de significar as relações de poder, estabelecendo identidades, crenças, papéis e valores^{3,5}. Nessa perspectiva, o universo masculino é marcado pelas significações de atividades que demandam atributos ligados à força, destreza, esperteza, maturidade. Por outro lado, tradicionalmente, quando se refere às meninas, as atividades caracterizam-se pela peculiaridade da maternidade, cuidado com a casa, preparação e alimentos, entre outros¹³.

No contexto da Terapia Ocupacional, essas questões podem ser refletidas a partir da perspectiva da justiça ocupacional. Um cenário de justiça ocupacional é reconhecido como aquele no qual os sujeitos têm o direito e a possibilidade de satisfazer suas necessidades básicas e de receber oportunidades e chances de vida igualitárias para desenvolver seu potencial, principalmente no que se refere ao desempenho de diversas ocupações que lhes são significativas¹⁶.

A naturalização de comportamentos pré-determinados a partir da valorização de concepções de gênero hegemônicas pode restringir o comportamento feminino, limitando a mulher a atividades determinadas e "inerentes" ao seu sexo. Esse processo, que pode cercar, privar e alienar o engajamento da mulher em ocupações significativas, contribui para a insatisfação com suas atividades ocupacionais no âmbito pessoal, familiar, laboral e emocional, expondo a mulher a situações de injustiça ocupacional.

A possibilidade de injustiça ocupacional, decorrente do impacto das concepções de gênero no cotidiano, também se manifesta, no discurso das adolescentes, quando são relatadas situações nas quais os homens e as mulheres adotam comportamentos que fogem ao padrão "tradicional" e que de alguma forma remetem, socialmente, a identidades sexuais homoafetivas.

Nesse sentido, enfatiza-se o potencial do desenvolvimento de pesquisas e ações direcionadas para a

compreensão e problematização desses aspectos. Segundo Galheigo¹⁷, ao se criticar a vida cotidiana, situação que pode ter como *locus* as intervenções terapêuticas ocupacionais, apreende-se as criações humanas, as ideias, os valores e sentimentos, o que possibilita o conhecimento da própria sociedade e a criação e o fortalecimento de novas relações sociais. Assim, ao facilitar a reflexão crítica sobre o cotidiano e a elaboração de um novo olhar para o que parece rotina imutável, o terapeuta ocupacional pode contribuir para os movimentos de autodeterminação do sujeito, de reorganização do coletivo e de ressignificação do cotidiano e do desempenho ocupacional.

Relações de gênero e sexualidade

Nesta categoria incluíram-se os dados referentes às concepções sobre gênero e o estabelecimento de relações sexuais e afetivas na adolescência.

Um aspecto destacado refere-se às interferências, diferenciadas a partir do gênero, da família no estabelecimento de relações afetivas e sexuais dos e das adolescentes.

Para as participantes, a família atribui ao menino maior liberdade na vivência da sexualidade, mas geralmente controla e não aceita esse comportamento quando alude às meninas. Comumente os familiares se orgulham em expor seu apoio ao menino e associam a experiência com muitas meninas à afirmação e valorização social da masculinidade do mesmo. Por outro lado, as adolescentes afirmam a existência de um maior controle familiar, com condutas de restrição no estabelecimento das relações afetivas e sexuais sobre as mulheres.

"Eu tenho um amigo que o pai dele sempre dizia assim: se você for ficar alguém, fique com uma por dia... mas da filha ele tem muito ciúme". (P2- G1- 20/ 08/2012)

Essa percepção de que a sexualidade é mais livre para os meninos manifesta-se também na própria dificuldade em se expressar sobre o assunto entre as adolescentes. Para elas, os homens "pensam, falam e fazem" mais sexo, pois, para eles, caracterizados como mais "safados", essa temática é mais fácil, uma vez que a expressão sexual é compreendida como constituinte da masculinidade.

"Pensando como menino é mais fácil de responder. Pensando como menina é diferente." (Resposta à pergunta: "o que é sexo para vocês?") (P6- G1- 17/ 08/2012).

Ao serem questionadas sobre qual a percepção que elas têm sobre o que os homens consideram uma mulher ideal para uma relação estável, as adolescentes apresentaram opiniões unânimes, expondo que a menina que tem menos experiência e é mais quieta é bem mais "valorizada", tornando-se escolhida para casar. Destaca-se que essa concepção é significada como "certa" pelas meninas, uma vez que as mulheres são quem devem se valorizar, ou seja, não ficar com muitos meninos.

"Os meninos vão querer não pra casar, só pra usar. Já as outras (mais quietas) não, só pra casar. Eu acho certo!!!". (P1- G1- 20/ 08/2012).

A interpretação acerca da diferença entre os sexos pode implicar uma relação de complementaridade ou de hierarquia, dependendo da cultura, tendo como referencial uma relação de dois polos antagônicos⁵. Pode ainda corroborar relações de desigualdade social ou até mesmo de violência (concreta ou simbólica), por meio da construção de parâmetros culturais de superioridade de um grupo social sobre outro⁷.

Especificamente em relação às mulheres adolescentes, esse processo histórico, na maioria das vezes, limita a vivência da sexualidade, conforme percebido na fala das participantes do estudo. Tais restrições geralmente são caracterizadas pela repressão, pela distinção de condutas e de controles impingidos diferentemente aos homens; pelos "nãos" que acenam aos limites constantes; pelas proibições; pela noção de subordinação e de passividade, entre outros condicionamentos; bem como pela falta de diálogo e de explicações dos eventos biológicos, sociais e culturais que fazem parte de sua vida¹⁸.

Incitar a participação das adolescentes nas discussões sobre as relações de gênero e a expressão da sexualidade é uma estratégia eficaz do terapeuta ocupacional na desmistificação e desnaturalização de comportamentos estigmatizados como "corretos" e na elaboração de projetos de vida, favorecendo a protagonização dessas meninas, que muitas vezes perpetuam e valorizam concepções que as colocam em posição de fragilidade e submissão.

De acordo com Villela e Doreto¹⁹, um sujeito pode tornar-se menos vulnerável se for capaz de interpretar de modo crítico as mensagens sociais que o colocam em situações de desvantagem ou desproteção, porém sua vulnerabilidade pode aumentar se não tem oportunidades de ressignificar as mensagens emitidas em sua volta.

Nesse contexto, o terapeuta ocupacional pode contribuir para a compreensão da sexualidade como sendo histórica e culturalmente variável, considerando-se um

profissional que impulsiona a transformação individual e coletiva¹¹.

Relações de gênero e gravidez na adolescência

A última categoria de análise refere-se à influência das relações de gênero na possível vivência de uma gravidez na adolescência. Salienta-se que nenhuma das participantes experienciou esse acontecimento, no entanto todas convivem com amigas ou parentes próximos que passaram por isso.

Inicialmente discutiu-se sobre a responsabilização pela ocorrência da gravidez, sendo que as participantes explicitam que é muito comum o menino atribuir a culpa pela gestação à menina, como se fosse responsabilidade exclusiva da mulher a atitude de aderir aos métodos contraceptivos.

"Acha que só porque engravidou a culpa foi dela". (P5- G1- 22/ 08/2012).

No entanto as garotas apontam que a "culpa" é do menino, que deveria ter tomado mais cuidado, uma vez que os homens são mais "espertos" e "safados" do que a menina.

"Ele é um irresponsável, devia ter tomado mais cuidado". (P6- G1- 22/ 08/2012).

Outras adolescentes defendem a ideia de que a responsabilidade é dos dois, tanto do menino quanto da menina, uma vez que ambos devem se envolver nesse cuidado.

"Se ela houvesse se cuidado mais... se ele também, porque não é só ela que tem essa responsabilidade []". (P6- G1- 22/ 08/2012).

No que se refere à reação do menino à gravidez, algumas participantes apontam a conduta de que ele não iria mais querer saber da menina e nem da criança, não daria qualquer apoio, preferindo cortar os vínculos estabelecidos.

"Num quer mais saber dela e abandona". (P1- G1- 22/ 08/2012).

Outras, porém, trouxeram a possibilidade do menino ficar comovido com a paternidade e apoiar a menina e o filho, dando a si mesmo a oportunidade de vivenciar uma experiência nova.

"Pode ser que ele fique sensível". (P2- G1- 22/ 08/2012).

As reações dos jovens diante de uma gravidez não planejada, bem como suas atitudes em relação a terem ou não filhos, são fortemente influenciadas por suas representações de paternidade e de papéis de gênero²⁰.

Segundo Costa et al.²¹, no que se refere às atitudes masculinas diante da gestação, a reação do homem ocorre de diferentes maneiras, podendo ser de entusiasmo, resistência e/ou ambivalência. A recusa do homem para aceitar a paternidade pode causar inquietações ao longo da vida e, quando essa atitude ocorre na juventude, pode gerar conflitos que vêm a interferir no relacionamento posterior desses com filhos e família.

Para as participantes, a conduta de "assumir o filho" está relacionada ao fato de gostar ou não da menina. Assim, se ele ainda gosta dela, estabelece uma boa relação com o filho e o assume. Caso não goste, prefere omitir sua participação na assunção e no cuidado da criança.

"Se ele gostar dela, vai assumir a criança, se ele não gostar..." (P2- G1- 22/ 08/2012).

Outras meninas, ainda, referem que se o menino "fica" com a menina sem nenhum compromisso, ou seja, "fica só por ficar", tem o direito a escolher se vai querer assumir ou não, já que eles não tinham uma relação fixa e bem estabelecida.

"Ela ficou com ele... como é que ele vai assumir uma coisa que foi só uma brincadeira?" (P10- G2- 22/ 09/2012).

Assim como mencionam as adolescentes, a responsabilização da gravidez geralmente é dedicada às meninas, e geralmente os meninos se colocam em situação de maior vulnerabilidade na assunção da paternidade, ratificando as concepções de gênero tradicionais que consideram como sendo a mulher a responsável pelo cuidado, inclusive pelo uso de métodos contraceptivos, e submissa aos papéis de dominação sexual masculina. Nesse sentido, os programas de promoção de saúde têm papel fundamental na influência da corresponsabilidade masculina, tanto na gravidez quanto no acompanhamento do filho, possibilitando a discussão mais circunstanciada sobre responsabilidades e papéis sociais de homens e mulheres diante da paternidade e maternidade²².

Em relação ao possível impacto de uma gravidez na adolescência nas atividades e ocupações cotidianas, as adolescentes expuseram que essa experiência pode

acarretar um grande prejuízo nas atividades escolares tanto para o menino quanto para a menina, que precisarão deixar de frequentar as aulas.

"Primeiro, vão ter que sair da escola..." (P18- G3- 22/ 10/2012).

Essa saída da escola está relacionada às novas responsabilidades no cuidado com o filho. Em relação a isso, observou-se diferentes concepções, sendo que para uma parte das participantes tanto a garota quanto o garoto devem trabalhar para o sustento financeiro do filho, e, para outras, a obrigação de trabalhar é do homem, porque a mulher deverá ficar em casa, cuidando do filho.

"De repente vai ter que trabalhar, cuidar do filho dele, comprar fralda". (P11- G2- 12/ 09/2012).

"Os dois vão ter que trabalhar". (P20- G3- 22/ 10/ 2012).

Para as meninas, a vinda de um filho interferirá consideravelmente na liberdade, uma vez que o desempenho de atividades de lazer ficará bastante limitado.

"Pra onde sair vai ter que levar o menino". (P11- G2- 12/ 09/2012).

"Vai querer sair e num vai poder mais". (P13- G2- 12/ 09/2012).

No entanto, apesar dessas restrições no desempenho das atividades cotidianas, as meninas com unanimidade explicitam que se tivessem tido um filho na adolescência, o bebê seria considerado uma bênção e motivação para olhar com determinação para o futuro.

"Porque é uma bênção ter um filho, de colher coisas boas... você vê a cara assim do filho..." (P17/ P15- G3- 12/ 10/2012).

A gravidez na adolescência não pode ser considerada unicamente como uma fonte de problemas sociais e, mesmo quando não planejada, nem sempre é indesejada²³. Tradicionalmente, é significada como negativa e com potencial de interferir no futuro em virtude das associações com abandono escolar e inserção precoce no trabalho²⁴.

No entanto, assim como para as adolescentes do estudo, por mais que ser mãe precocemente traga

consequências negativas, esse fator também as estimularia a delinear novos projetos de vida, podendo ainda assumir um caráter de centralidade na vida das adolescentes. Nesse sentido, a maternidade na adolescência pode ser significada como uma forma de ascensão social, como um "passaporte" para a vida adulta, e como reforço para ser alguém na vida com vistas a garantir a estima de outras pessoas e um futuro melhor para e por meio do filho²⁵.

Compreende-se que a Terapia Ocupacional deve favorecer o desempenho de adolescentes em ocupações e tarefas que são significativas, de maneira a apoiar a saúde e a participação dos indivíduos em diferentes contextos e contribuir para uma melhor qualidade de vida²⁶. No contexto da gravidez na adolescência, o terapeuta ocupacional pode intervir no sentido de favorecer a problematização da maternidade na adolescência, considerando suas consequências negativas e positivas no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as discussões tenham sido direcionadas para a saúde sexual e reprodutiva, percebeu-se que o impacto destas vai para além desse âmbito, com repercussões em outras dimensões do desempenho ocupacional, estendendo-se no cotidiano, no comportamento e na participação social, na inserção no mundo do trabalho, na liberdade na vivência da sexualidade e ainda nas concepções acerca da maternidade e paternidade.

Ao apontarem que "pensar como homem é mais fácil do que pensar como mulher", as adolescentes explicitam em seus discursos as manifestações das situações de opressão vivenciadas no cotidiano das relações entre homens e mulheres. Nessa perspectiva, admite-se o gênero como um fator impactante nas possibilidades do desempenho ocupacional, restringindo o comportamento feminino e limitando a mulher a atividades determinadas ao seu sexo, com caracterização de cenários de injustiça ocupacional.

No entanto observou-se a coexistência de diferentes concepções e a emergência de percepções que entendem as relações de gênero numa perspectiva mais problematizadora e promotora do empoderamento das mulheres na assunção de papéis assumidos na família e na sociedade. Nesse sentido, enfatiza-se o potencial de intervenções da Terapia Ocupacional que abordem o impacto das relações de gênero no cotidiano, uma vez que se acredita que, mesmo sob forte vulnerabilidade, as adolescentes têm condições de serem resilientes e de (re) pensar e (re)construir essas relações.

Sendo assim, destaca-se o planejamento de intervenções do terapeuta ocupacional que, numa perspectiva dialógica, contribuam no processo de capacitação pessoal dos indivíduos, criando espaços para que as adolescentes sejam escutadas e reconhecidas a partir de suas capacidades.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Senado Federal. Estatuto da criança e do adolescente. Lei Federal 8.069/1990. Brasília (DF): Gráfica do Senado; 2009.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2007. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0471_M.pdf.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2010. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf.
4. Araújo AC, Lunardi VLL, Silveira RS, Thofehrn MB, Porto AR. Transição da adolescência para a fase adulta na ótica de adolescentes. Rev Enferm UERJ (Rio de Janeiro). 2011;19(2):280-5. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v19n2/v19n2a18.pdf>.
5. Reis CB, Santos NR. Relações desiguais de gênero no discurso de adolescentes. Ciênc Saúde Coletiva. 2011;16(10):3979-84. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011001100002>.
6. Bechara AMD, Gontijo DT, Medeiros M, Facundes VLD. "Na brincadeira a gente foi aprendendo": promoção de saúde sexual e reprodutiva com homens adolescentes. Rev Eletr Enf. 2013;15(1):25-33. DOI: [10.5216/ree.v15i1.19046](https://doi.org/10.5216/ree.v15i1.19046).
7. Andreoli GS. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. Conjectura (Caxias do Sul). 2010;15(1):107-18. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/186/177>.

8. Santos RG, Martins MS. Adolescência e gênero: reprodução da hegemonia masculina. In: 11º Anais do Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba; 2013. p.18958-74. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9974_5744.pdf.
9. Vonk ACRP, Bonan C, Silva KS. Sexualidade, reprodução e saúde: experiências de adolescentes que vivem em município do interior de pequeno porte. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2013;18(6):1795-807. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000600030>.
10. Monzeli GA, Lopes RE. Terapia ocupacional e sexualidade: uma revisão nos periódicos nacionais e internacionais da área. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*. 2012;23(3):237-44. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v23i3p237-244>.
11. Kielhofner G, Forsyth K, Kramer JM, Melton J, Dobson E. O modelo de ocupação humana. In: Crepeau EB, Cohn ES, Scholl BAB, Willard e Spackman. *Terapia ocupacional*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2011. p.452-67.
12. Gomes R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 25ª ed. Petrópolis: Vozes; 2008.p.79-108.
13. Pinto TO, Lopes MF. Brincadeira no espaço da rua e a demarcação dos gêneros na infância. *Rev Latinoam Cienc Soc Niñez Juv*. 2009;7(2):861-85. Disponível em: <http://revistaumanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/196/92>.
14. Pretto Z, Lago MCS. Reflexões sobre infância e gênero a partir de publicações em revistas feministas brasileiras. *Rev Ártemis*. 2013;15(1):56-91. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/16638/9495>.
15. Gontijo DT, Facundes VLD, Vasconcelos ACS, Monteiro RJS. Promoção de saúde sexual e reprodutiva com adolescentes: reflexões sobre o potencial das ações extensionistas para o processo de formação dos profissionais de saúde. In: Santos WP, Melo JR, Nunes MCM, Souza EF, organizadores. *Cadernos de extensão 2014 - Saúde 2*. Recife: Editora da UFPE; 2014. Disponível em: https://www.ufpe.br/proext/images/publicacoes/cadernos_de_extensao/2014/vol02.pdf.
16. Wilcock AA, Townsend EA. Justiça ocupacional. In: Crepeau EB, Cohn ES, Scholl BAB, Willard e Spackman. *Terapia ocupacional*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2011. p.195-202.
17. Galheigo SM. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*. 2003;14(3):104-9. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v14i3p104-109>.
18. Benites APO, Barbarini N. Histórias de vida de mulheres e saúde da família: algumas reflexões sobre gênero. *Psicol Soc (Curitiba)*. 2009;21(1):16-24. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000100003>.
19. Villela WV, Doreto DT. Sobre a experiência sexual dos jovens. *Cad Saúde Publica*. 2006;22(11):2467-72. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2006001100021>.
20. Trindade ZA, Menandro MCS. Pais adolescentes: vivência e significação. *Estud Psicol*. 2002;7(1):15-23. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100003>.
21. Costa COM, Lima IC, Júnior DFM, Santos CAST, Araújo FPO, Assis DR. Gravidez na adolescência e coresponsabilidade paterna: trajetória sociodemográfica e atitudes com gestação e criança. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2005;10(3):719- 27. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000300028>.
22. Almeida AFF, Hardly E. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. *Rev Saúde Pública*. 2007;41(4):565-72. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000400010>.
23. Chacham AS, Maia MB, Camargo MB. Autonomia, gênero e gravidez na adolescência: uma análise comparativa da experiência de adolescentes e mulheres jovens provenientes de camadas médias e populares em Belo Horizonte. *Rev Bras Est Pop Rio de Janeiro*. 2012;29(2):389-407. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982012000200010>
24. Canavarro C, Pedrosa AP. Gravidez e parentalidade na adolescência: perspectivas teóricas. *Saúde Reprodutiva Sexualidade Soc*. 2012;2:34-55. Disponível em: <http://revistas.apf.pt/index.php/srssi/article/view/28/pdf>.
25. Gontijo DT, Medeiros M. Gravidez/maternidade e adolescentes em situação de risco social e pessoal: algumas considerações. *Rev Eletr Enf*. 2004;6(3). Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/830/972>.
26. AOTA. Occupational Therapy Practice. Framework: domain & process. *Am J Occup Ther*. 2014;68(Suppl 1):s1-s48. Available from: <http://ajot.aota.org/article.aspx?articleid=1869228>.

Recebido para publicação: 19.11.14

Aceito para publicação: 01.03.15